Título Retrato falado
Data Novembro de 2026
Evento Lady Snowblood

Publicação Vogue
Autor Eduardo Viveiros
Artista Sarah Morris

RETRATO FALADO

FOI NUM RÉVEILLON CARIOCA NOS ANOS 1990 QUE A ARTISTA SARAH MORRIS SE APAIXONOU PELO BRASIL. DE VOLTA, ELA INAUGURA NO DIA 12 UMA INDIVIDUAL NA GALERIA FORTES D'ALOIA & GABRIEL SOBRE CONGLOMERADOS BRASILEIROS E ESTRUTURAS DE PODER

POR EDUARDO VIVEIROS FOTOS CLAUDIO ROBLES STYLING AMANDHA GAIO

Na primeira vez que Sarah Morris veio a São Paulo em 2011, avisaram: o avião sobrevoaria os prédios antes de pousar. "Parecia Tóquio, mas não era. Não tem comparação, é uma cidade totalmente única", lembra. Desde então, a artista britânico-americana lê a metrópole pelos letreiros. Guarda com carinho a memória visual de um outdoor da Telefônica na Avenida Paulista.

Só depois descobriu que a gigante das comunicações, que hoje opera aqui como Vivo, é uma multinacional de origem espanhola. "Aí me veio a pergunta: onde está a Telefônica? Onde está a Vale? Elas são nacionais em algum lugar?", diz, em conversa por vídeo com a *Vogue* Brasil, de seu ateliê em Nova York.

A dúvida ajuda a organizar parte da individual que a artista abre no dia 12 deste mês na Fortes D'Aloia & Gabriel, em São Paulo: em "Lady Snowblood", pinturas inéditas que partem de conglomerados muito familiares – a lista inclui também Unilever, Klabin, Banco Safra e Ambev.

Morris passou três décadas convertendo poder e capitalismo em geometria. Desde a série *Midtown*, de 1998, tirada das fachadas de vidro de Manhattan, ela pinta grades, curvas e campos de cor com tinta esmalte de uso doméstico. A abstração vem por convicção: "Sem ofensas, mas não quero ver mais pinturas figurativas. Tento fazer as coisas que quero ver e não vejo". Em paralelo, já rodou 17 filmes, de Los Angeles à Pequim olímpica, de Abu Dhabi ao Rio de Janeiro. Em 2026, teve a primeira retrospectiva em Osaka, no Japão, e comemorou 30 anos de representação com a incensada galeria White Cube numa mostra em Londres.

O Brasil entrou pela porta pessoal. "Nos anos 1990, eu tive um namorado brasileiro", lembra. O relacionamento acabou, os amigos ficaram e veio o convite para o Réveillon carioca em 1995. "Fui aos ensaios do Carnaval e me apaixonei completamente." Também foi fisgada pela cultura que floresceu apesar da ditadura: "Quanta beleza havia, quanta inteligência, quanta atitude, mesmo naquela situação".

Vieram a 25ª Bienal de São Paulo, em 2002, o filme *Rio*, de 2012, com cenas no escritório de Oscar Niemeyer, e a primeira individual no país, em 2015, com telas tiradas de Niemeyer, Bratke, Burle Marx e Lina Bo Bardi. Desta última, fala como de alguém da família: "Sinto isso no vermelho dela, no jeito como mostra as pinturas nos cavaletes de vidro, como se fossem um exército, uma frota".

O plano original era fazer dois filmes, além de *Rio*, *São Paulo*, inspirados em *It's All True*, projeto que Orson Welles deixou inacabado no Brasil. "Pensei: posso terminar por ele!" A versão paulistana nunca foi rodada. "Está na minha cabeça. Adoraria filmar."

Enquanto isso, o alvo do seu olhar mudou. "O edifício sempre foi o pretexto, mesmo quando reinterpretava suas fachadas. Na verdade,

Título Retrato falado
Data Novembro de 2026
Evento Lady Snowblood

Publicação Vogue
Autor Eduardo Viveiros
Artista Sarah Morris



A artista britânico-americana Sarah Morris posou para a *Vogue* Brasil em seu ateliê, em Nova York

Título Retrato falado
Data Novembro de 2026
Evento Lady Snowblood

Publicação Vogue
Autor Eduardo Viveiros
Artista Sarah Morris

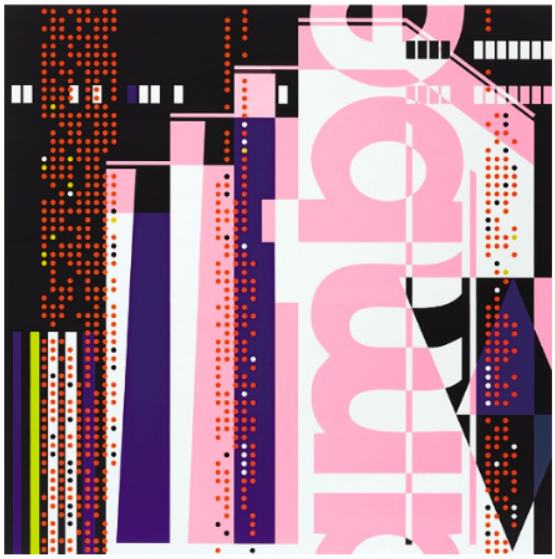


Na página ao lado, as obras *Ambev*, 2026 (acima), e Banco Safra, 2026 (abaixo)

PRODUÇÃO EXECUTIVA: Amandha Gaio. MAQUIAGEM: Seiya Iibuchi. CABELO: Nana Katsuki

Título Retrato falado
Data Novembro de 2026
Evento Lady Snowblood

Publicação Vogue
Autor Eduardo Viveiros
Artista Sarah Morris



trata-se do fluxo de capital e dados", afirma. E esse fluxo dispensa passaportes, cada vez mais. "Não existe o 'local' como existia há 50 anos, com as fronteiras. E mesmo naquela época… Lina Bo Bardi era italiana, pelo amor de Deus." Ela se põe na conta: "Sou filha do computador da Apple. Mas isso é mesmo americano? Ou é chinês? Ou é irlandês, porque pagam impostos na Irlanda? Ninguém está fora do sistema. Somos todos cúmplices".

O que não quer dizer que o mundo tenha ficado igual. Em 2008, filmando os Jogos Olímpicos de Pequim, Sarah olhou pela janela, certa manhã, e viu um tanque militar. "Ninguém sabia para que lado a China iria. Havia a esperança de que, se os chineses bebessem Coca-Cola, acabariam igual a nós. Obviamente, isso é bobagem".

Nas telas em exposição no galpão da FDAG, logotipos, diagramas e organogramas são desmontados e dissecados até perder a função original. Seriam retratos corporativos? "Sim, o retrato de um momento específico", responde, sem pestanejar. "Mas não penso nessas entidades corporativas como pessoas. Penso em formas amorfas, sombrias, que mudam de forma o tempo todo. Pode também ser uma paisagem."

Uma tela escapa da lista de empresas. *Mirthes Bernardes* homenageia a desenhista da prefeitura que, em 1966, venceu o concurso do prefeito Faria Lima com o mapa estilizado do estado de São Paulo em preto e branco, escolhido por voto popular e transformado em símbolo iconográfico da cidade.

Segundo pesquisa da FAU-USP, ela nunca teve reconhecimento público nem compensação pelo desenho, e morreu em 2020, aos 86 anos. Morris soube da história há pouco. "A sola do meu pé passou por essa calçada muitas vezes e eu não fazia ideia. O projeto foi tão bem-sucedido que apagou a autora."

A ironia mais fina fica com o mercado, afinal corporações também colecionam Sarah Morris: a resseguradora Swiss Re guarda em Londres a série de gravuras *Bye Bye Brazil*, de 2014, que inclui uma chamada "Banco Safra". "É um fechamento estranho de circuito, quase um nó", reflete. E elas entendem a crítica? "Difícil saber. Podem ver com vaidade: 'Este é o meu retrato e ficou ótimo'." Para ela, é aí que a coisa funciona. "A grande pintura costuma operar nessa ambivalência."

Não à toa, seu estúdio foi batizado de Parallax, inspirado no thriller de Alan J. Pakula de 1974 (*A Trama*, no Brasil). No filme, uma corporação recruta assassinos que não sabem direito para quem trabalham. "Você não sabe contra que forças vai estar. Talvez sua pintura vire um selo. Talvez você vire propaganda. Você não conhece o próprio valor de uso."

Resta pintar assim mesmo, ofício que parecia fora de moda quando ela começou, nos anos 1990. "Quase ninguém pintava. Meus amigos faziam escultura, filmes, arte conceitual." Ainda é romântico ser pintora? "Muito", responde. "Minha mãe dizia que via em mim uma determinação desde pequena, pelo jeito como eu segurava o queixo com autoconfiança. E você precisa dela. Não por ser egomaníaca, mas porque muita coisa força você a parar. Nem todo crítico vai amar seu trabalho, nem todo colecionador", dispara.

Olhar para trás ajuda: a história das ideias vira um mapa, que não é para ser repetido. "Não importa se é covid, se estamos vivendo sob o fascismo. É preciso manter a marcha", diz, lembrando novamente o exército de cavaletes de Lina no Masp, onde já expôs em 2020 e 2025. "Há algo de militância em ser artista. Você precisa continuar batendo o tambor, mesmo que as pessoas não queiram. E isso é meio romântico, porque você está sozinha. No fim, quem responde pelo meu trabalho sou eu." Ou, admite, até certo ponto. "Em algum momento você precisa soltar, e outras pessoas decidem do que se trata a obra e como querem usá-la. Os artistas realmente bons sabem quanto controle querem ter e quando abrir mão dele." ✱

